

A PROPÓSITO DA LUZ NATURAL NO ESPAÇO PÚBLICO DE LISBOA

ARTIGO



Luis Jorge Bruno Soares

Arquiteto Urbanista

| 1. Praça do Comércio, Lisboa, Portugal /Crédito: Sara Constança | 2. Lisboa, Portugal | 3. Cais Gás, Lisboa, Portugal

. 1

Ao projetarmos espaços urbanos não nos preocupamos, normalmente, em medir em luxes ou lumens a luz natural. Sabemos, por experiência, que a luz do sul é mais intensa e a do norte mais suave, que no litoral é mais húmida e no interior mais dura, ou que de manhã é mais clara e no ocaso do Sol, quase sempre, mais densa, amarela, laranja e vermelha.

A luz natural cria ambientes cujo valor não se quantifica, só se descreve com a emoção, como Fernando Pessoa escreveu sobre Lisboa.

«Por entre a casaria, em

intercalações de luz e sombra – ou antes, de luz e menos luz – a manhã desata-se sobre a cidade. Parece que não vem do sol mas da cidade, e que é dos muros e dos telhados que a luz do alto se desprende – não deles fisicamente, mas deles por estarem ali. »

*Fernando Pessoa,
Livro do Desassossego (397)*

Ou Raul Brandão, sobre a ria de Aveiro.

«Com a manhã, que se adianta, as gotas de chuva imbebem-se de outra luz esbranquiçada. Ganham os tons baços transparência e

uma claridade difusa bóia no céu. Baba-se.

A amplidão da água reflecte já outras tintas. A neblina a todo o momento desmaia e a vasta planície vaporizada ilumina-se de uma luz cor de pérola que hesita em pousar; os verdes são mais claros, as árvores suspensas no ar e as casas construídas na água.»

*Raul Brandão,
Os Pescadores.*

Sabemos que a luz do Sol faz variar as paisagens e os ambientes urbanos ao longo das horas, dos dias e das estações do ano.

Nessa dinâmica da Natureza,



a luz natural molda as formas da cidade, evidencia os volumes, marca com planos as profundidades dos espaços, diferencia as texturas e as cores, faz brilhar velhas fachadas de azulejo, define detalhes e permite que, assim, percecionemos o espaço urbano.

Mas o Sol é simultaneamente a fonte de produção de calor e de luz. Os urbanistas sabem que estes fenómenos não se controlam na fonte. Podem, sim, procurar regular os seus efeitos no espaço através da intensidade da luz e densidade da sombra, e, em certa medida, dos reflexos nas superfícies e da absorção pelas cores. Esses são os ingredientes dos seus projetos.

. 2

O espaço público é o espaço da vida coletiva e da cidadania, por excelência. É o espaço da mobilidade, do movimento e de encontro, do circular e do estar, que se partilha entre peões e automóveis, mas, também, com outras atividades cívicas.

A revalorização dos espaços públicos, devendo garantir maior segurança e conforto aos peões, procura, simultaneamente, melhorar a qualidade dos ambientes e das paisagens urbanas, nos quais o espaço livre, aberto, e o edificado, que o delimita, devem estar intencionalmente relacionados nas escalas, na importância visual

ou na singularidade formal e no valor cultural e simbólico dos seus diversos elementos.

É nesta linha que a luz merece uma atenção particular no projeto, a luz natural de dia e a luz artificial de noite, sendo que a primeira não é suscetível de ser programada e projetada.

A luz natural modela o espaço de forma aleatória, conforme o tempo meteorológico, mas previsível com o conhecimento que temos do clima. Conhecemos, tanto científica como empiricamente, as diferenças da exposição solar e do ensombramento dos espaços públicos, ao longo do dia e nas diversas estações do

ano, segundo a sua orientação. Sabemos, por outro lado, que a morfologia urbana, em particular a forma e largura das ruas, praças e largos, influencia as condições de insolação e de iluminação dos espaços públicos, e como os materiais de revestimento, as cores do edificado ou a arborização e os espaços verdes podem modelar a luz na cena urbana.

Joan Busquets, arquiteto urbanista catalão, dizia-me, nos anos 90, a propósito da realização do plano diretor de Lisboa, que, em Portugal, temos uma boa regra para o espaço público, a do afastamento dos edifícios segundo a linha de 45 graus, que torna as nossas cidades mais luminosas.

Uma maior atenção e cuidado na elaboração do projeto do espaço público, nomeadamente na renovação dos espaços existentes, poderão contribuir, muitas vezes de forma singela, para um novo ambiente urbano, para novos e melhores modos de fruir a cidade.

Neste sentido, procuramos regular os efeitos da iluminação natural tendo em vista criar não só condições de funcionalidade e de conforto ambiental, mas também de atribuição de maior qualidade estética e cénica ao conjunto do espaço urbano, tornando-o mais atrativo e “amigável”.

. 3

Na renovação recente dos espaços públicos de Lisboa, a reorganização e gestão da partilha do espaço entre peões e automóveis tem constituído um tema central de projeto, com o objetivo de restituir ao peão uma importância que perdeu progressivamente com a expansão das áreas atribuídas à circulação e estacionamento de automóveis, desde os anos 50 do



século passado.

É uma mudança que se reflete nas condições e na qualidade da fruição do espaço urbano pelas pessoas, dando-lhes mais tempo, mais opções e oportunidades e mais motivações para utilizarem o espaço público.

Lisboa vem mostrando que a conjugação do Sol, da Água e da Luz proporciona espaços de atração inexplicável, ao ponto de serem reconhecidos como valores maiores da cidade, há muito percebidos, mas só muito recentemente devidamente aproveitados.

Agora, na frente ribeirinha de Lisboa, as pessoas, sozinhas, aos pares ou em grupo, sentam-se junto do rio, “apenas” olhando a paisagem e as mudanças do tempo, da luz e das cores.

É sobretudo a luz que, quer queiramos quer não, muda e anima as paisagens e os ambientes urbanos. Nestas mudanças, o céu, “teto” do espaço urbano, e o rio,

sempre presente na cidade, têm um papel fundamental nas mudanças da luz que criam a surpresa e fazem a diferença.

Os espaços ribeirinhos de Lisboa são disso exemplo.

. 4

O Terreiro do Paço é um caso singular de uma grande praça em que o Sol e, conseqüentemente, a luz natural têm um papel determinante na percepção e na vivência do espaço público.

No projeto da requalificação, realizado em 2010, assumiu-se o Terreiro do Paço como uma praça do Sol, do Vento e da Luz. Uma praça, aberta ao Sul e ao Atlântico, e, por isso, espaço que, com as suas características singulares de “Praça-Cais”, estabelece uma relação direta com o Rio, relação que, perdida a partir dos anos 60 do século XX, se procurou agora recuperar e revalorizar.



| 3.

O espaço, delimitado pelo conjunto monumental edificado, que contribui também refletindo o sol no amarelo das suas fachadas, tem como cenário principal o céu e o rio que a luz transforma a cada momento. Por sua vez, a luz de um céu limpo, coada pelas nuvens ou esbatida pela chuva, tem a capacidade de criar, num mesmo espaço, paisagens diferentes e ambientes variados.

Esta dimensão teve importância na decisão de criar um espaço central limpo, onde apenas se evidencia a Estátua Real e se movem livremente as pessoas. Assim, as instalações com carácter permanente, como são as esplanadas ou o mobiliário e equipamento urbano (quiosques e abrigos das paragens de transportes) foram implantados na periferia, junto dos edifícios. Pela mesma razão não se admitiu a hipótese, discutida na altura, de

plantação de árvores em qualquer ponto do espaço.

Deste modo, o espaço central da praça é um espaço de luz, exposto ao Sol, em que a sombra se confina às arcadas dos edifícios e ao seu prolongamento nos passeios laterais com o sombreamento das esplanadas. A transição dos espaços de sol e sombra estabelece-se com gradações de intensidade, as quais variam ao longo do dia, do nascer ao pôr-do-sol.

A grande superfície do pavimento é um elemento refletor tratado, na sua área central, com material poroso, no sentido de ser permeável à água e absorvente da luz, reduzindo assim a reflexão da luz forte. Apenas nos passeios adjacentes aos edifícios e na envolvente da placa central, foram utilizados pavimentos de pedra lioz amaciada, de cor rosada e amarelada. Evitaram-se, intencionalmente, as superfícies

brancas e de grande reflexão.

O desenho do pavimento da placa central assenta na conjugação de uma malha de linhas oblíquas em lioz, sobre o pavimento de betuminoso descolorado, com gravilha também de lioz. A diferença de texturas e de cor resulta num ligeiro contraste que, sob a incidência da luz, muda, surpreendentemente, conforme se observa o chão para sul ou para norte

A geometria geral do pavimento, que o relaciona com a malha dos arruamentos da Baixa, com a métrica dos edifícios e com o Cais das Colunas, é definida pela placa central, pelos arruamentos que a envolvem e pelos passeios. Esta geometria é desenhada com base em apenas três materiais: o lioz, o betuminoso do terreiro e o granito dos arruamentos.

A luz faz o resto.

«Chego à foz da Rua da Alfândega, vagaroso e disperso, e, ao clarear-me o Terreiro do Paço, vejo, nítido, o sem sol do céu ocidental. Esse céu é de um azul esverdeado para cinzento branco, onde do lado esquerdo, sobre os montes da outra margem, se agacha, amontoa, uma névoa acastanhada de cor-de-rosa morto. (...) Para os lados da barra, onde o ter cessado o sol cada vez mais se acaba, a luz extingue-se em branco lívido que se azula de esverdeado frio. Há no ar um torpor do que se não consegue nunca. Cala alto a paisagem do céu.»

Fernando Pessoa
Livro do Desassossego, (225)